

A CUMULATIVIDADE E A CONTABILIDADE DOS VERBOS EM KARITIANA

Luciana SANCHEZ-MENDES¹

RESUMO: O tema deste artigo são as propriedades semânticas dos predicados verbais em Karitiana, uma língua indígena brasileira. Sua tese central é a de que o domínio verbal da língua é ao mesmo tempo cumulativo e contável, embora as duas noções pareçam teoricamente excludentes. Os dados da língua, com pluracionalidade verbal e advérbios de frequência e de grau, apoiam a tese.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos. Advérbios. Cumulatividade. Contabilidade. Línguas indígenas.

Introdução

O foco deste artigo é discutir duas propriedades semânticas do domínio verbal da língua Karitiana: a cumulatividade e a contabilidade. Karitiana é a única língua sobrevivente da família Arikém, uma das dez famílias do tronco Tupi. É falada por aproximadamente 320 pessoas de um grupo indígena de mesmo nome, em uma reserva localizada a aproximadamente 90 quilômetros ao sul de Porto Velho, Rondônia (STORTO; VANDER VELDEN, 2005). A proposta central deste trabalho é de que os verbos nessa língua têm denotação cumulativa e contável, embora essas duas propriedades pareçam incompatíveis à primeira vista.

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil, em co-tutela com a Unité Mixte de Recherche Structures Formelles du Langage (UMR 7023) da Université Paris 8, em Paris, França. *sanchez.mendes@gmail.com*

Este artigo está dividido em duas partes. Na primeira seção, são apresentados os dados da língua Karitiana que sustentam uma análise que leve em conta tanto a cumulatividade quanto a contabilidade. Mais especificamente são discutidas a operação da pluracionalidade e a distinção entre advérbios de frequência e de grau na língua. A segunda parte apresenta uma discussão teórica com o objetivo de mostrar que essas duas propriedades são conciliáveis, a despeito da sua aparente contradição.

Dados do Karitiana

Cumulatividade

O objetivo desta seção é mostrar que a investigação de sentenças com operação de pluracionalidade em Karitiana sustenta a afirmação de que o domínio verbal da língua tem denotação cumulativa. Uma definição simplificada da cumulatividade baseada em Kratzer (2003, p. 12) é apresentada em (1):

(1) Cumulatividade:

Um predicado é cumulativo se, sempre que ele se aplicar a dois indivíduos em sua denotação, ele se aplica também a sua soma.

Müller e Sanchez-Mendes (2008) afirmam que os verbos em Karitiana denotam predicados cumulativos. Isso quer dizer que, em uma sentença simples, o verbo pode fazer referência a um evento singular ou a uma pluralidade de eventos. O exemplo (2) com o verbo ‘*ot* ‘cair’ mostra que a sentença pode ser usada tanto em uma situação em que o João caiu uma vez ou em uma situação em que o João caiu mais de uma vez.²

2 Os dados da língua Karitiana presentes neste artigo sem referência a outro autor foram coletados por mim por meio de elicitación controlada com falantes nativos, seguindo o protocolo descrito em Matthewson (2004). Agradeço a todos os consultores que participaram da pesquisa. Agradecimentos especiais a Claudiana Karitiana, Claudio Karitiana, Edelaine Karitiana, Inacio Karitiana, Luiz Karitiana, Maria de Fátima Karitiana, Mauro Karitiana e Nelson Karitiana.

- (2) João Ø-na-aka-t i-’ot-Ø.³
João 3-DECL-COP-NFUT PART-cair-ABS⁴
‘O João caiu’

Situações: ✓ uma vez
✓ mais de uma vez

O exemplo abaixo ilustra a cumulatividade em uma sentença com verbo transitivo. A sentença é apropriada para descrever um contexto em que houve um evento apenas de Inacio levantar Nadia ou um contexto em que houve mais de um evento.

- (3) Inacio Ø-na-mangat-Ø Nadia.
Inacio 3-DECL-levantar-NFUT Nadia
‘O Inacio levantou a Nadia’

Situações: ✓ uma vez
✓ mais de uma vez

Essa característica apoia a hipótese do Universal da Cumulatividade que postula que todos os predicados simples das línguas naturais possuem denotação cumulativa (KRIFKA, 1992; KRATZER, 2003; KRATZER, 2007). A denotação neutra para número, porém, não é mantida em sentenças que apresentam morfemas que expressam pluracionalidade. A pluracionalidade é a marcação de eventos plurais por meio de afixos verbais, chamados de marcadores pluracionais (LASERSOHN, 1995). Os marcadores pluracionais são morfemas verbais que expressam a ocorrência de múltiplos eventos e não têm relação com a

3 Os dados da língua Karitiana são apresentados da seguinte forma: primeira linha - transcrição ortográfica da sentença em Karitiana com a separação dos morfemas; segunda linha - glosa de cada morfema da sentença; terceira linha: tradução para a língua portuguesa. As abreviações usadas para os morfemas são as seguintes: 3 = concordância de terceira pessoa; ABS = concordância absoluta; CAUS = causativo; COP = cópula; DECL = modo declarativo; DUPL = duplicação; NFUT = tempo não futuro; OBL = oblíquo; PL = plural; PART = partícióio; VERB = verbalizador.

4 As sentenças com verbos intransitivos aparecem em uma construção de cópula. Storto (2010) propõe que sentenças de cópula são estruturas bi-sentenciais em Karitiana. O verbo de cópula *aka* seleciona uma minioração nominalizada como complemento. Essas sentenças são entendidas como sentenças de alçamento em que o sujeito da minioração se move para a posição de foco.

concordância com os argumentos do verbo. Esses marcadores são normalmente afixos (frequentemente reduplicativos), mas podem também ser expressos por meio de supletivismo da raiz verbal. Em Karitiana, a pluracionalidade é expressa por meio da duplicação da raiz verbal e, em alguns casos, por supletivismo, como mostram os exemplos (4) e (5) abaixo, respectivamente:

- (4) a. João Ø-naka-pon-Ø pikom kyynt⁵.
 João 3-DECL-atirar-NFUT macaco em
 ‘O João atirou em macaco’
- b. João Ø-naka-pon-pon-Ø pikom kyynt.
 João 3-DECL-atirar-DUPL-NFUT macaco em
 ‘O João atirou em macaco (mais de uma vez)’
- (5) a. João Ø-na-oky-t pikom.
 João 3-DECL-matar.SG-NFUT macaco
 ‘O João matou macaco’
- b. João Ø-na-popi-t pikom.
 João 3-DECL-matar.PL-NFUT macaco
 ‘O João matou macaco (mais de uma vez)’

Müller e Sanchez-Mendes (2008) e Sanchez-Mendes (2009) defendem que os marcadores pluracionais em Karitiana realizam uma operação de pluralização na denotação cumulativa dos verbos, excluindo seus eventos atômicos (cf. FERREIRA, 2005, para nomes e verbos e MÜLLER, 2000, para nomes). Essa operação é ilustrada pelo exemplo (6), que mostra que, quando o verbo possui um morfema pluracional, a sentença só pode ser utilizada em contextos em que João caiu mais de uma vez, não sendo apropriada para descrever um evento que tenha ocorrido apenas uma vez.

5 Os sintagmas nominais em Karitiana aparecem sempre nus, e não possuem nenhum material funcional na posição de determinante. Os nomes na língua não possuem tampouco marcas de plural/singular ou classificadores. Eles possuem denotação cumulativa, ou seja, denotação neutra para número (MÜLLER; STORTO; COUTINHO-SILVA, 2006).

- (6) João Ø-na-aka-t i-’ot-’ot-Ø
João 3-DECL-COP-NFUT PART-cair-DUPL-ABS
‘O João caiu (mais de uma vez)’

Situações: ✕ uma vez
✓ mais de uma vez

Essa análise dos marcadores pluracionais é um pouco diferente da análise clássica da operação de pluralização descrita em Link (1983). O autor investigou a denotação de nomes contáveis e massivos utilizando uma estrutura algébrica de semirreticulado. Segundo sua proposta, nomes massivos denotam porções de matéria e nomes contáveis denotam átomos singulares cujos plurais são formados por operações sobre esses indivíduos singulares. Em Karitiana, a pluralização do domínio verbal é uma operação que exclui os átomos de uma denotação cumulativa (MÜLLER; SANCHEZ-MENDES, 2008; SANCHEZ-MENDES, 2009). Não é o caso de que sentenças sem marcas de pluracionalidade denotem um evento singular. Sentenças sem nenhum tipo de quantificação como a pluracionalidade são compatíveis com denotações cumulativas, ou seja, denotações neutras para número, que incluem átomos e plurais. O exemplo (7), abaixo, mostra que o significado literal de uma sentença simples em Karitiana, sem a presença de operadores de quantidade, apresenta nomes e verbos com denotações cumulativas.

- (7) Taso Ø-na-manga-t òwã.
homem 3-DECL-levantar-NFUT criança
‘Homem levantou criança’

Literalmente: ‘Um número indeterminado de homens levantou um número indeterminado de crianças um número indeterminado de vezes’

No entanto, isso não significa que as sentenças desse tipo em Karitiana são sempre ambíguas. A descrição literal é apenas uma tentativa de representar a indeterminação de número dos nomes e verbos na língua. Trata-se mais de um caso de vagueza ou indeterminação do que de ambiguidade.

Uma vez que a pluracionalidade é uma operação que subtrai os eventos atômicos de uma denotação cumulativa, uma sentença com afixo pluracional é adequada para descrever situações em que dois ou mais eventos ocorreram. A sentença (8), com o advérbio *sypom*, que corresponde a ‘duas vezes’, ilustra esse fato.

- (8) Sypom-t Ø-na-aka-t i-’ot-’ot-Ø João.
 dois-OBL 3-DECL-COP-NFUT PART-cair-DUPL-ABS João
 ‘O João caiu duas vezes’

A análise dos afixos pluracionais em Karitiana como operadores de plural na denotação cumulativa do domínio verbal é diferente do que normalmente se observa em outras línguas que possuem pluracionalidade. Lasersohn (1995) investigou o fenômeno translinguisticamente e mostrou que os marcadores pluracionais estão usualmente associados a uma semântica de intensidade ou de um número de eventos acima da expectativa, como nos dados abaixo da língua Nahuatl (falada no México) e da língua Dyirbal (falada na Austrália).

- (9) a. tlania Nahuatl
 ‘perguntar’
 b. tlatlania⁶
 ‘perguntar insistentemente’ (LASERSOHN, 1995, p. 246)
- (10) a. balgan Dyirbal
 ‘golpear’
 b. Balbalgan
 ‘golpear muito’ (LASERSOHN, 1995, p. 246)

Os exemplos do Checheno (um língua caucasiana) apresentados em Yu (2003) também apresentam a mesma característica. Os exemplos em (11) e (12) mostram que a pluracionalidade em Checheno está envolvida numa repetição de muitos eventos e não exatamente em uma operação de plural⁷.

6 Em Nahuatl e em Dyirbal, a pluracionalidade é expressa pela duplicação da primeira sílaba da raiz verbal.

7 Em Checheno, a pluracionalidade não é marcada por duplicação verbal, mas por meio de uma alternância da vogal temática.

- (11) a. molu Checheno
'beber'
b. myylu
'beber repetidamente' (YU, 2003, p. 293)
- (12) a. loocu Checheno
'capturar'
b. loecu
'capturar repetidamente' (YU, 2003, p. 293)

Como se pôde notar, a análise da pluracionalidade em Karitiana sustenta que os verbos têm denotação cumulativa. Os marcadores pluracionais em Karitiana realizam uma operação de plural que exclui os átomos da denotação cumulativa dos verbos. A próxima seção discute a propriedade de contabilidade associada aos predicados verbais em Karitiana.

Contabilidade

O objetivo desta seção é mostrar que a investigação de algumas propriedades dos quantificadores adverbiais em Karitiana apoia a hipótese de que todo o domínio verbal nessa língua é contável. Primeiramente, será apresentada a análise da distinção entre advérbios de frequência e de grau em francês (cf. DOETJES, 2007) para compará-los com os advérbios do Karitiana. Em seguida, algumas características da pluracionalidade em Karitiana serão retomadas para fortalecer o argumento da contabilidade do domínio verbal.

Advérbios de frequência e de grau em francês

Doetjes (2007) analisou a diferença entre as operações de frequência e de grau em francês examinando os advérbios *souvent* 'frequentemente/muitas vezes' e *beaucoup* 'muito' na língua. De acordo com a autora, sentenças com

advérbios de frequência, como *souvent*, sempre possuem uma interpretação iterativa, ou seja, de ocorrência de muitos eventos. Essa é uma propriedade irrestrita desses advérbios, que podem ocorrer com predicados verbais tanto télicos quanto atélicos, como mostram as sentenças (13) e (14), respectivamente.⁸

(13) Sylvie va souvent au cinéma. PREDICADO TÉLICO
 ‘Sylvie vai frequentemente ao cinema’
 (DOETJES, 2007, p. 1)

(14) Il a plu souvent. PREDICADO ATÉLICO
 ‘Choveu frequentemente’
 (DOETJES, 2007, p. 2)

Advérbios de grau como *beaucoup*, por outro lado, tem um comportamento diferente dependendo do tipo de predicado que modificam. Quando *beaucoup* é usado com predicados télicos, como no exemplo (15), a sentença tem uma interpretação de muitos eventos. Sentenças com predicados atélicos como (16) têm leitura de intensidade, que Doetjes (2007) chama de leitura de grau.

(15) Sylvie va beaucoup au cinéma. PREDICADO TÉLICO
 ‘Sylvie vai muitas vezes ao cinema’
 (DOETJES, 2007, p. 1)

(16) Il a plu beaucoup. PREDICADO ATÉLICO
 ‘Choveu intensamente’
 (DOETJES, 2007, p. 2)

A análise de Doetjes (2007) para *souvent* e *beaucoup* é baseada na distinção contável-massivo dos predicados verbais. A autora assume a proposta de Bach (1986) de que predicados verbais télicos podem ser considerados

8 Predicados télicos são basicamente aqueles que denotam um evento com um fim determinado lexicalmente. Por exemplo, *ir ao cinema* é um evento télico que termina com a chegada ao cinema. Predicados atélicos, por sua vez, são aqueles que denotam eventos que não possuem um fim lexicalmente determinado. O verbo *chover*, por exemplo, é atélico, pois não tem um fim determinado para o evento descrito na raiz verbal. Predicados télicos são divididos em *accomplishments* (que têm duração) e *achievements* (que são pontuais). Predicados atélicos são divididos em atividade e estados. Para uma boa introdução sobre as classes acionais, ver Vendler (1957) e Rothstein (2004).

como predicados contáveis e os atélicos, como massivos. O autor argumenta que a mesma distinção encontrada no domínio nominal entre predicados contáveis e massivos pode ser empregada no tratamento dos predicados verbais. Bach (1986) mostra que há uma similaridade entre predicados atélicos e nomes massivos. Eles representariam a matéria (do inglês *stuff*) de que os predicados atélicos e os nomes contáveis são constituídos respectivamente. Assim, *ouro*, nome massivo, representa a matéria de que é feito o *anel*, nome contável. Do mesmo modo, *correr*, verbo atélico, seria a matéria de um predicado atélico como *correr até a farmácia*.

Doetjes (2007) afirma que os advérbios de frequência como *souvent* podem contar em ambos os domínios, contável (atélico) e massivo (atélico), porque eles possuem uma operação de plural de ocorrências (operação de *n* vezes – do inglês *n times*) que torna possível a multiplicação de eventos em qualquer contexto. Sua denotação é de que o número de ocorrências do evento é maior que um *n* normal dado contextualmente.⁹ A interpretação iterativa das sentenças com advérbio de frequência é, portanto, devida a uma propriedade do quantificador. Logo, ela sempre está disponível.

Já a interpretação iterativa de sentenças com advérbios de grau como *beaucoup* não pode ser explicada do mesmo modo, já que ela é restrita aos predicados atélicos, como se viu em (15) e (16). De acordo com Doetjes (2007), advérbios de grau não possuem uma operação de plural como os advérbios de frequência. E, uma vez que a interpretação de muitos eventos só está disponível em contextos atélicos (contáveis), a autora afirma que ela é consequência da natureza contável do predicado, e não do advérbio. Quando os advérbios de grau ocorrem em sentenças com predicados atélicos (massivos), a sentença possui uma interpretação de grau. No entanto, Doetjes (2007) admite que uma leitura iterativa também é possível com alguns predicados atélicos modificados

⁹ Doetjes (2007) não avança muito na proposta de como essa operação funciona. Uma forma possível de se implementar formalmente a proposta é algo do tipo $|E| > n$ (a cardinalidade do evento é maior que um *n* normal definido contextualmente).

por *beaucoup*.¹⁰ Mas, uma vez que a autora assume que em sentenças com *beaucoup* a iteratividade é devida à natureza contável do predicado, ela tem que postular uma mudança do predicado de massivo para contável de predicados como *pleuvoir* ‘chover’ para capturar essa leitura em sentenças como (16). Desse modo, ela pode manter a assunção de que a interpretação de muitos eventos em sentenças com advérbios de grau tem origem na natureza contável do predicado, e não em uma característica especial do advérbio, como no caso dos modificadores de frequência.

Advérbios de frequência e de grau em Karitiana

O objetivo desta subseção é apresentar uma análise para advérbios de frequência e de grau em Karitiana que será utilizada como argumento para a hipótese de que todo o domínio verbal da língua é contável. Advérbios de frequência em Karitiana sempre têm interpretação iterativa (muitos eventos), do mesmo modo que *souvent* do francês. Sentenças com o advérbio *kandat* sempre denotam a ocorrência de muitos eventos, seja com predicados télicos, como ‘ot ‘cair’ em (17), ou atélicos, como *kydn* ‘esperar’ em (18).¹¹ A sentença em (18), por exemplo, não pode ser usada em um contexto em que Inacio tenha esperado uma vez só por muito tempo.

- (17) João Ø-na-aka-t i-’ot-Ø kandat.
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-cair-ABS muitas.vezes
 ‘O João caiu muitas vezes’

¹⁰ A autora não estabelece, no entanto, quais os predicados atélicos que podem sofrer essa mudança e ter leitura iterativa com o advérbio *beaucoup*.

¹¹ Para uma discussão das classes acionais em Karitiana, ver Sanchez-Mendes (2013).

- (18) Inacio Ø-naka-kydn-Ø kandat.
 Inacio 3-DECL-esperar-NFUT muitas.vezes
 ‘O Inacio esperou muitas vezes’

Situações: ✓ ‘O Inacio esperou muitas vezes’
 ✗ ‘O Inacio esperou muito tempo em uma ocasião’

Logo, a operação de frequência em Karitiana parece ser semelhante à do francês. No entanto, algumas diferenças aparecem quando se compara o comportamento dos advérbios de grau nas duas línguas. A sentença (19), com o verbo de atividade *pytim’adn* ‘trabalhar’, e a (20), com o verbo estativo *osedn* ‘alegrar-se’, ilustram que o advérbio de grau *pitat* pode ser usado para descrever uma situação iterativa ou com interpretação de grau.

- (19) Taso Ø-na-pytim’adn-Ø pitat.¹²
 homem 3-DECL-trabalhar-NFUT muito
 ‘O homem trabalhou muito’
 ‘O homem trabalhou muitas vezes’

- (20) Inacio Ø-na-aka-t i-osedn-Ø pitat.
 Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-alegrar-ABS muito
 ‘O Inacio se alegrou muito’
 ‘O Inacio se alegrou muitas vezes’

O comportamento é semelhante ao de *beaucoup* em francês. No entanto, há duas propriedades cruciais que diferenciam *pitat* de *beaucoup*. Em primeiro lugar, diferentemente de *beaucoup*, que pode ocorrer como todos os tipos de predicados verbais, *pitat* só pode ser usado como modificador de grau com predicados atélicos. Sentenças com *pitat* e predicados de *accomplishments*, como ‘*a myhint gooj* ‘fazer uma canoa’, em (21), ou *achievements*, como ‘*ot* ‘cair’, em (22), têm uma interpretação não prevista para um modificador de grau.¹³

12 *Pitat* está sendo traduzido por ‘muito’ nas glosas. O seu significado é parecido mas não exatamente igual ao *muito* do português. Ver Sanchez-Mendes (2012) para uma análise de *pitat*.

13 Esse comportamento de *pitat* com predicados télicos é assunto para outro trabalho.

- (21) Yn Ø-naka-m-'a-t pitat myhin-t gooj.
 eu 3-DECL-CAUS-fazer-NFUT muito um-OBL canoa
 'Eu fiz uma canoa mesmo'
- (22) João Ø-na-aka-t i-'ot-Ø pitat.
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-cair-ABS muito
 'O João caiu mesmo'

Além disso, *pitat* tem uma outra característica inesperada para advérbios de grau: ele pode ser usado em mais de uma situação, associada ao que usualmente é chamado de contexto de grau, além do contexto iterativo. A sentença (23) pode ser usada em todos os contextos descritos em (24).

- (23) Inacio Ø-na-aka-t i-pykyn-<a>-t pitat.
 Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-COITER-ABS muito
 'O Inacio correu muito'

Situações em que a sentença (23) é verdadeira:

- (24) a. 'O Inacio correu por muito tempo'
 b. 'O Inacio correu muitas vezes'
 c. 'O Inacio correu em alta velocidade'
 d. 'O Inacio correu uma longa distância'
 e. 'O Inacio correu fazendo muito esforço'

Logo, *pitat* não pode ser analisado da mesma forma que *beaucoup*. Os dados (23) e (24) mostram que o uso de *pitat* com predicados atéticos não está associado a um par de interpretações, mas a pelo menos três.¹⁴ Não seria apropriado dizer que uma interpretação, a iterativa, pode ser explicada por uma regra de mudança de predicado e as outras interpretações, por uma outra regra. Parece mais adequado apresentar uma proposta unificada para as interpretações. A proposta que defendemos é a de que a interpretação iterativa é apenas mais uma interpretação presente nesse tipo de operação, tanto quanto

14 Pelo menos três interpretações estão disponíveis nas sentenças com *pitat*: duração no tempo, muitas ocorrências do evento e intensidade. Verbos de movimento apresentam ainda leitura de alta velocidade e longa distância.

as outras. A iteratividade deve ser considerada como uma dimensão de uma escala, e não uma operação no domínio verbal que compete com a modificação de grau.

Beaucoup possui um comportamento dicotômico nas suas interpretações; logo, faz sentido que ele seja explicado por uma regra binária, como a distinção contável-massivo. *Pitat*, por outro lado, não possui um comportamento semelhante.

Para analisar os advérbios de grau e de frequência em Karitiana, assumimos que o domínio verbal não possui a mesma distinção contável-massivo encontrada no domínio nominal, mas é todo contável (cf. ROTHSTEIN, 1999, 2004, 2008). Para Rothstein (1999, 2004, 2008), a diferença entre predicados télicos e atélicos não revela uma diferença entre contável e massivo, como na proposta de Bach (1986), mas expressa de que modo o critério de atomicidade (designado como MEAS pela autora), que cria os átomos semânticos para contagem, é preenchido.

Em predicados télicos como *cair*, o que conta como uma unidade de evento é dado pelo léxico, como em (25a). A fórmula indica que o que conta como um evento de cair é uma queda. Por outro lado, predicados verbais atélicos como *esperar* não possuem átomos fornecidos pelo léxico, mas que são preenchidos contextualmente. Em outras palavras, a situação informa o que conta como um átomo de *esperar*, representado pela variável **U** na fórmula em (25b). Segundo a fórmula, o que conta como um evento de esperar é uma unidade **U** preenchida contextualmente.

(25) a. $[[\textit{cair}]] = \lambda e. \textit{cair}(e) \wedge \text{MEAS}(e) = \langle 1, \textit{queda} \rangle$ TÉLICO

b. $[[\textit{esperar}]] = \lambda e. \textit{esperar}(e) \wedge \text{MEAS}(e) = \langle 1, U \rangle$ ATÉLICO

Um dos argumentos de Rothstein (2008) para a assunção de que todo o domínio verbal é contável é que, aparentemente, não há classificadores nesse domínio como os encontrados no domínio nominal.¹⁵ Os sintagmas verbais

15 Em línguas com classificadores nominais, como o chinês, a contagem no domínio nominal exige a presença de classificadores. Ver Borer (2005) para uma introdução entre a relação entre contagem e classificadores.

podem ser facilmente contados, diferentemente dos sintagmas adjetivais, por exemplo. As sentenças do inglês em (26) mostram que a operação de contagem só pode ocorrer na presença do verbo *be* ‘ser’.

O advérbio iterativo *three times* ‘três vezes’ em (26a) só pode ser associado ao predicado principal *made* ‘fez’. A sentença só possui a interpretação de que a bruxa fez por três vezes alguma coisa que deixou o João doente. Em (26b), por outro lado, o advérbio pode quantificar tanto o predicado principal (*made* ‘fez’) quanto o predicado da sentença subordinada (*be* ‘ficar’). A sentença pode significar que a bruxa fez por três vezes alguma coisa que deixou o João doente ou que a bruxa fez algo (não sabemos quantas vezes) que deixou o João doente três vezes.

- (26) a. The witch made John ill three times.
 ‘A bruxa fez o João doente três vezes’¹⁶

Interpretações: ✓ fez alguma coisa três vezes
 ✗ ficar doente três vezes

- b. The witch made John be ill three times.
 ‘A bruxa fez o João ficar doente três vezes’

Interpretações: ✓ fez alguma coisa três vezes
 ✓ ficar doente três vezes

(ROTHSTEIN, 2008, p. 12)

Os exemplos mostram que *ill* ‘doente’ não é um predicado que pode ser contado, enquanto que *be ill* ‘ficar doente’ pode. Isso mostra que o domínio das eventualidades denotadas por adjetivos como *ill* ‘doente’ pode ser massivo, mas o domínio dos eventos denotados por predicados verbais como *be ill* ‘ficar doente’ é contável. Essa é uma distinção importante uma vez que a hipótese de Rothstein (1999, 2004, 2008) não é a de que o domínio dos eventos seja contável, mas de que a contabilidade seja uma propriedade do domínio verbal. É

¹⁶ Embora a sentença pareça agramatical em português, optamos por deixá-la o mais próximo possível da sentença em inglês para preservar o argumento de Rothstein (2008).

possível haver eventualidades massivas denotadas por predicados não verbais, mas, se há um sintagma verbal, há um evento contável.

Nas sentenças abaixo, uma vez que o predicado de (27a) não possui um verbo, a eventualidade não pode ser pluralizada para ser distribuída aos participantes *John and Mary* e a sentença é mal formada. Já (27b) é uma sentença bem formada porque o verbo *be* torna a pluralização da eventualidade possível, distribuindo-a aos participantes.

- (27) a. # The witch made John and Mary each ill.
‘A bruxa fez John e Mary doente individualmente’
- b. The witch made John and Mary each be ill.
‘A bruxa fez John e Mary ficar doente individualmente’

(ROTHSTEIN, 2008, p. 12)

Em trabalhos anteriores, analisamos os advérbios de frequência e de grau em Karitiana, assumindo que todo o domínio verbal na língua é contável (SANCHEZ-MENDES, 2009). A proposta foi a de que a interpretação de muitos eventos associada a advérbios de frequência como *kandat* em Karitiana está sempre disponível porque o domínio verbal é todo contável. Logo, a contagem de eventos é sempre uma possibilidade e não precisa ser precedida de uma operação *n times* ‘n vezes’ introduzida pelo advérbio como na proposta de Doetjes (2007).

A operação de frequência em Karitiana pode ser descrita como uma multiplicação das ocorrências dos eventos que pode ser aplicada em todos os contextos verbais na língua. A interpretação iterativa tem origem na natureza contável do predicado e não em uma propriedade particular do quantificador responsável pela contagem dos eventos, como sugerido por Doetjes (2007) para o *souvent* do francês. O quadro (1) abaixo resume as duas propostas apresentadas para os advérbios de frequência.¹⁷

17 A nossa proposta é baseada na análise de Doetjes (2007) para a interpretação iterativa de sentenças com advérbios de grau.

Advérbios de frequência	
Doetjes (2007)	Nossa proposta
Iteratividade é devida a um componente especial do advérbio.	Iteratividade tem origem na natureza contável do predicado.

Quadro 1: Comparação das propostas para os advérbios de frequência

Uma vez que propusemos uma análise para a operação de frequência que possui uma operação a menos, já que não é preciso assumir que o advérbio possui um componente especial de *n times* ‘n vezes’, ela parece ser uma opção mais econômica. Mas assumir que o domínio verbal é contável vai ser especialmente vantajoso na análise dos advérbios de grau. Como a sentença (23) mostrou, repetida em (28), *pitat* só pode ocorrer como modificador de grau em sentenças com predicados verbais atélicos, e as sentenças apresentam mais de duas interpretações.

- (28) Inacio Ø-na-aka-t i-pykyn-<a>-t pitat.
 Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-CORRER-ABS muito
 ‘O Inacio correu por muito tempo’
 ‘O Inacio correu muitas vezes’
 ‘O Inacio correu em alta velocidade’
 ‘O Inacio correu uma longa distância’
 ‘O Inacio correu fazendo muito esforço’

Uma vez que *pitat* ocorre como modificador de grau apenas com predicados atélicos, e a interpretação de muitos eventos é tão viável quanto as outras, não parece adequado dizer que ela deve ser explicada por uma regra de exceção, como na proposta de Doetjes (2007). Na proposta da autora, o verbo tem que sofrer uma mudança de massivo para contável para ser pluralizado por *beaucoup* e a interpretação iterativa ficar disponível. Em uma proposta que assume que todo o domínio verbal é contável, a pluralização de eventos nesse contexto pode ser explicada do mesmo modo que com os advérbios de frequência, pela natureza contável do predicado.

Assumimos que a possibilidade de especificar um significado de grau é uma característica dos advérbios de grau que os advérbios de frequência não possuem. Logo, a proposta apresentada parece mais intuitiva, já que o advérbio que tem um componente gramatical a mais (de grau) é aquele cujas sentenças têm significados extras. Como já se pôde notar pelo exemplo (28), acima, *pitat* apresenta sempre um grau maior em relação a uma escala, ou seja, uma medida acima da média em uma escala, que pode variar (tempo, número de vezes, velocidade, etc.).

Portanto, uma proposta baseada em Rothstein (1999, 2004, 2008) é mais simples, uma vez que a interpretação iterativa tem sempre a mesma origem, a multiplicação de eventos que está sempre disponível para predicados verbais. Na proposta de Doetjes (2007), por outro lado, a interpretação iterativa tem origens diferentes em sentenças com advérbios de frequência e de grau. A comparação das duas propostas é apresentada no quadro abaixo.

Advérbios de grau (AG)					
Doetjes (2007)			Nossa proposta		
AG + predicado tético (contável) = leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado		AG + predicado tético = leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado	
AG + predicado atélico (massivo) =	leitura de grau	Grau com origem na natureza mas- siva do predicado	AG + predicado atélico =	leitura de grau	Com origem em um componente especial do advérbio
	leitura iterativa	Mudança do verbo de massivo para contável. Iteratividade com origem na natureza contável do predicado		leitura iterativa	Iteratividade com origem na natureza contável do predicado

Quadro 2: Comparação das propostas para os advérbios de grau

Pluracionalidade

Vimos que considerar o domínio verbal como contável ajudou a oferecer uma análise apropriada e econômica para advérbios de frequência e de grau em Karitiana. Nesta subseção, vamos retomar os dados de pluracionalidade na língua para reforçar o argumento. Como foi apresentado acima, os afixos pluracionais realizam uma operação de plural na denotação cumulativa dos verbos em Karitiana. O plural é uma operação entendida semanticamente como um processo de contagem de um certo domínio. Uma vez que apenas os domínios que possuem unidades semânticas podem ser contados, a operação de plural pode ser usada como um teste para diagnosticar sintagmas contáveis (cf. CHIERCHIA, 1998). Os exemplos em (29) do inglês demonstram esse

teste. *Footwear* ‘calçado’ e *blood* ‘sangue’ são nomes massivos e não podem ser pluralizados, como mostram (29b) e (29d), enquanto *shoe* ‘sapato’ e *drop* ‘gota’ são contáveis e podem receber o morfema de plural (sentenças (29a) e (29c)).

- (29) a. There are shoes in this store.
 ‘Tem sapatos nesta loja’
- b. * There are footwears in this store.
 ‘Tem calçados nesta loja’
- c. There are drops of bood on the wall.
 ‘Tem gotas de sangue no muro’
- d. * There are bloods on the wall.
 ‘Tem sangues no muro’

(CHIERCHIA, 1998, p. 55)

Vimos que a pluracionalidade é um mecanismo de plural no domínio verbal. Ela pode servir, então, como diagnóstico de sintagmas verbais contáveis. Em Karitiana, os afixos pluracionais podem ocorrer com qualquer tipo de predicado verbal e as sentenças sempre têm leitura iterativa. As sentenças (30) e (31) mostram que os predicados télicos de *accomplishments*, como *tat Porto Velho pip* ‘ir a Porto Velho’, e de *achievements*, como *typ carro sara’it* ‘descobrir o problema do carro’, podem ser pluralizados, como previsto mesmo numa proposta que assume a distinção contável-massivo no domínio verbal e propõe que esses sejam os predicados contáveis (BACH, 1986; DOETJES, 2007).

- (30) a. João Ø-na-aka-t i-tat-Ø Porto Velho pip.
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ABS Porto Velho para
 ‘O João foi até Porto Velho’
- b. João Ø-na-aka-t i-tat-tat-Ø Porto Velho pip.
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-DUPL-ABS Porto Velho para
 ‘O João foi até Porto Velho (mais de uma vez)’

- (31) a. João Ø-naka-typ-Ø carro sara'it.
 João 3-DECL-descobrir-NFUT carro problema
 'João descobriu o problema do carro'
- b. João Ø-naka-typ-typ-Ø carro sara'it.
 João 3-DECL-descobrir-DUPL-NFUT carro problema
 'João descobriu o problema do carro (mais de uma vez)'

No entanto, predicados atélicos (atividades e estados *stage-level*) também podem ser pluralizados por duplicação verbal, como mostram os exemplos em (32), com o verbo de atividade *pykyn* 'correr' e (33) com o verbo estativo *osedn* 'alegrar-se'. É importante notar que também nesses casos a interpretação da sentença é de iteratividade.

- (32) a. João Ø-na-aka-t i-pykyn-t.
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-CORRER-ABS
 'O João correu'
- b. João Ø-na-aka-t i-pykyn-pykyn-t.
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-CORRER-DUPL-ABS
 'O João correu (mais de uma vez)'

Situações: ✓ correu mais de uma vez
 ✗ correu intensamente em uma ocasião

- (33) a. Inacio Ø-na-aka-t i-osedn-Ø.
 Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-alegrar-ABS
 'O Inacio ficou alegre'
- b. Inacio Ø-na-aka-t i-osedn-osedn-Ø.
 Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-alegrar-DUPL-ABS
 'O Inacio ficou alegre (mais de uma vez)'

Situações: ✓ ficou alegre mais de uma vez
 ✗ ficou muito alegre em uma ocasião

Em Karitiana, apenas predicados não eventivos, como os predicados estativos *individual-level*, não podem ser pluralizados, como mostram os exemplos (34) e (35) abaixo.

- (34) a. Luciana Ø-na-aka-t i-kywytit-<a>-t Botyj)-ty.
 Luciana 3-DECL-COP-NFUT PART-acreditar-ABS Deus-OBL
 ‘A Luciana acredita em Deus’
- b. * Luciana Ø-na-aka-t i-kywytit-kywytit<a>-t Botyj)-ty.
 Luciana 3-DECL-COP-NFUT PART-acreditar-DUPL-ABS Deus-OBL
 ‘A Luciana acredita em Deus (mais de uma vez)’
- (35) a. Milena Ø-na-aka-t i-pasat-Ø João.
 Milena 3-DECL-COP-NFUT PART-amar-ABS João
 ‘A Milena ama o João’
- b. * Milena Ø-na-aka-t i-pasat-pasat-Ø João.
 Milena 3-DECL-COP-NFUT PART-amar-DUPL-ABS João
 ‘A Milena ama o João (mais de uma vez)’

Tradicionalmente, a literatura semântica divide os predicados estativos em predicados *stage-level* e predicados *individual-level*. Carlson (1977) apresenta uma distinção entre propriedades transitórias dos indivíduos e susceptíveis a repetições – propriedades *stage-level* – e propriedades que são consideradas permanentes – propriedades *individual-level*. Essas propriedades são expressas, respectivamente, por predicados *stage-level* e *individual-level*. São predicados *individual-level*, por exemplo, os verbos apresentados acima como *acreditar em Deus* e *amar*, além de *saber*, *conhecer*, *ser brasileiro*, etc. Exemplos de predicados *stage-level* são *estar feliz*, *querer*, *estar disponível*. Muitos trabalhos têm mostrado que essa diferença é relevante para o estudo de fenômenos gramaticais – como, por exemplo, o comportamento dos plurais nus do inglês, descrito em Carlson (1977).

Kratzer (1995) explora essa diferença e propõe que predicados estativos *stage-level* e *individual-level* têm estruturas argumentais diferentes. Predicados *stage-level* têm comportamento semelhante aos outros predicados verbais e possuem um argumento davidsoniano de evento. Predicados *individual-level*, por outro lado, não possuem esse argumento. A autora apresenta argumentos para a sua proposta com base nos dados com o locativo em alemão, de sentenças

introduzidas por *when* ‘quando’ e de plurais nus do inglês. Não vamos apresentar todos os detalhes da argumentação, mas o que se pode dizer é que considerar que os predicados *stage-level*, mas não os *individual-level*, têm um argumento extra de evento traz consequências bastante desejáveis para a análise de muitas construções em que ocorrem. Vamos focar no argumento da modificação de predicados verbais.

A modificação de predicados verbais é um dos argumentos que Parsons (1990) apresenta como evidência a favor de uma semântica de eventos. Modificadores verbais típicos são predicados de eventos. Logo, para que a modificação ocorra, é preciso que haja um argumento evento sobre o qual se possa predicar. O que se espera a partir da proposta de Kratzer (1995) de que predicados *individual-level* não possuem um argumento evento é, portanto, que esses predicados não possam ser modificados. A expectativa é confirmada pelos dados, como se pode ver em (36), abaixo – exemplos adaptados de Kratzer (1995). As sentenças (36a) e (36b) mostram que predicados *stage-level* como *dançar* podem ser modificados por locuções adverbiais de lugar, como *no pátio*, e de tempo, como *hoje*. O predicado *é uma dançarina*, por outro lado, é um predicado *individual-level* e, portanto, não pode ser modificado, como mostram os dados (36c) e (36d).

- (36) a. Maria está dançando no pátio.
 b. Maria está dançando hoje.
 c. # Maria é uma dançarina no pátio.
 d. # Maria é uma dançarina hoje.

Logo, vemos que a pluracionalidade em Karitiana se aplica a todos os predicados verbais que possuem um argumento evento, não se aplicando apenas a predicados estativos *individual-level*, que não possuem um argumento evento. Kratzer (1995) chama a atenção para o fato de que essa distinção não é tão categórica a ponto de ser lexical. Não é raro um predicado *individual-level* ser interpretado como *stage-level*. Por exemplo, *ter cabelos castanhos* é

canonicamente um predicado *individual-level*; mas ele pode ser considerado como uma propriedade bastante transitória para um sujeito que frequentemente colore os cabelos de cores diferentes. Nos casos em que isso ocorre, o predicado passa a ter a estrutura argumental de um predicado *stage-level*. O mesmo ocorre para possíveis sentenças com predicados *individual-level* modificados. A sentença (36d) acima, por exemplo, pode ser considerada uma sentença adequada num contexto em que *ser uma dançarina* seja interpretado como um predicado *stage-level*, como ‘se passar por uma bailarina’.

Examinar se as sentenças com pluralidade de predicados *individual-level* em Karitiana seriam possíveis se o predicado tivesse uma interpretação *stage-level* é um trabalho a ser feito.

Uma vez que todo o domínio verbal eventivo pode ser pluralizado em Karitiana, isso indica que esse domínio é inteiramente contável na língua. Segundo a proposta de Rothstein (1999, 2004, 2008), todo o domínio verbal é contável. A autora não diferencia predicados estativos eventivos (*stage-level*) e não-eventivos (*individual-level*). Os dados do Karitiana motivam uma análise um pouco mais restrita de que todo o domínio verbal eventivo é contável.

Segundo Rothstein (1999, 2004, 2008), a diferença entre predicados télicos e atélicos não é uma distinção entre massivo e contável, mas uma diferença no modo como os átomos são disponíveis para contagem. Os átomos que são contados em predicados télicos são dados pelo léxico, enquanto que os átomos dos predicados atélicos são dados pelo contexto. Nos dados do Karitiana mostrados, em (30) com *tat Porto Velho pip* ‘ir a Porto Velho’ e (31) com *typ carro sara ’it* ‘encontrar o problema do carro’, por exemplo, os átomos são cada evento de ir a Porto Velho e cada descoberta de um problema do carro. Em (32), com o verbo *pykyn* ‘correr’ e (33) com o verbo *osedn* ‘alegrar-se’, o contexto deverá fornecer o que conta como um evento de correr ou um evento de ficar alegre. Uma vez que os verbos *kywytit Botyj)ty* ‘acreditar em Deus’ e *pasat* ‘amar’ nos dados (34) e (35) não possuem um domínio eventivo (contável), não é possível encontrar o que conta como um evento, mesmo considerando o contexto.

Logo, a tese adotada neste trabalho é de que a contagem não é necessariamente uma questão dependente de átomos naturais, mas de átomos semânticos. A distinção contável-massivo e a operação de plural são fenômenos gramaticais que são relativamente independentes de operações cognitivas que exigem a percepção de indivíduos. A distinção contável-massivo é mais bem descrita em termos de como as expressões referem do que a que elas referem no mundo (CHIERCHIA, 1998; ROTHSTEIN, 2007). Uma vez que é possível contar/pluralizar gramaticalmente os eventos denotados por todo tipo de verbo em Karitiana, pode-se dizer que eles fazem parte de um domínio contável.

Discussão Teórica

Esta seção discute algumas consequências teóricas da afirmação de que o domínio verbal em Karitiana é ao mesmo tempo cumulativo e contável. O objetivo é mostrar que essas duas propriedades não são teoricamente excludentes. A aparente incompatibilidade que essa afirmação pode gerar é devida ao fato de que a cumulatividade é uma propriedade tradicionalmente atribuída aos predicados massivos (LINK, 1983). No entanto, a cumulatividade não é a característica que distingue predicados massivos de contáveis. Na teoria de Link (1983), a cumulatividade é uma propriedade de predicados massivos e de plurais e, portanto, não é que o permite a distinção contável-massivo. Na proposta do autor, o teste para a distinção contável-massivo é baseado na propriedade da homogeneidade.¹⁸

À primeira vista, a cumulatividade e a homogeneidade parecem ser bastante similares. Mas, para descrever os predicados em trabalhos como este, a sua diferença é crucial. As definições em (37) e (38) (baseadas em Rothstein, 2007, p. 5) mostram que a homogeneidade é uma propriedade dos

¹⁸ Rothstein (2007), por outro lado, apresenta evidências de que nem a cumulatividade nem a homogeneidade podem distinguir predicados contáveis de massivos. Uma vez que a homogeneidade não é importante para este trabalho, vamos seguir a proposta clássica de Link (1983).

predicados que é atribuída a suas partes, ou seja, é uma propriedade descendente. A cumulatividade, por outro lado, é uma propriedade ascendente, que caracteriza o predicado de acordo com as somas de suas partes.

(37) Homogeneidade:

Um predicado P é homogêneo se: para todo $x \in P$, e para todo y :

$$y \leq x \wedge \neg y = x \rightarrow y \in P$$

“Um predicado P é homogêneo se, e somente se, para todo x que pertence ao predicado P, todas as partes y de x , que forem diferentes de x , também pertencem ao predicado P.”

(38) Cumulatividade:

Um predicado P é cumulativo se:

$$x \in P \wedge y \in P \wedge \neg x = y \rightarrow x \oplus y \in P$$

“Um predicado P é cumulativo se, e somente se, dois indivíduos distintos x e y pertencem ao predicado P, então, a soma de x e y também pertence a P.”

Como se vê, não há nada na definição de cumulatividade que impeça a operação de contagem de um predicado cumulativo. Na realidade, na própria definição de cumulatividade há uma operação de soma. De fato, a aproximação entre cumulatividade e predicados massivos se sustenta. Mas o fato é que todos os predicados massivos são cumulativos, mas nem todos os predicados cumulativos são massivos. Rothstein (2007) mostrou, por exemplo, que há certos nomes contáveis em inglês, como *fence* ‘cerca’ e *line* ‘linha’, que são cumulativos. *Fence* ‘cerca’ e *line* ‘linha’ podem ser pluralizadas (*fences* ‘cercas’ e *lines* ‘linhas’); mas têm a propriedade da cumulatividade. Duas cercas (*fences*) que são colocadas lado a lado formam uma cerca; o mesmo vale para *linha*.

Além disso, quando Kratzer (2003) defende que todos os predicados simples denotam conjuntos cumulativos, a autora afirma que o problema que a denotação cumulativa dos verbos pode evocar é relacionado a contextos distributivos e coletivos em sentenças com indivíduos plurais como *Casey*

and Stacey lifted the green box ‘Casey e Stacey levantaram a caixa verde’. Trabalhos como os de Lasersohn (1995), no entanto, apresentam argumentos suficientes para se continuar analisando esses contextos com o Universal da Cumulatividade. Logo, os possíveis problemas que podem surgir da consideração de que o domínio verbal é cumulativo não estão relacionados à pluralização, pelo menos não no sentido da pluracionalidade.

Logo, a análise apropriada para descrever o comportamento dos marcadores pluracionais e dos advérbios de frequência e de grau em Karitiana tem que levar em conta tanto a cumulatividade quanto a contabilidade como propriedades do domínio verbal.

Conclusões

Este artigo mostrou argumentos de que o domínio verbal eventivo em Karitiana tem denotação ao mesmo tempo cumulativa e contável. O comportamento da pluracionalidade na língua apoia a hipótese da cumulatividade e o comportamento dos quantificadores adverbiais e da pluracionalidade apoiam a hipótese da contabilidade dos predicados verbais eventivos. Além disso, discutiram-se brevemente as consequências teóricas da hipótese com intuito de mostrar que a teoria semântica sustenta essas duas propriedades sem incompatibilidade.

Agradecimentos: Agradeço a Luciana Storto pela ajuda com os dados da língua Karitiana desde o início desta pesquisa. Agradeço à Fapesp, pelo apoio financeiro, processo número 2009/17185-8.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. Cumulativity and Countability in Karitiana Verbs. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 107-136, 2013.

ABSTRACT: *This paper focuses on semantic properties of verbal phrases in Karitiana – a Brazilian Indigenous language. Its main claim is that the verbal domain is both cumulative and countable in the language, although these notions seem to be theoretically mutually exclusives. The data with verbal pluractionality and with frequency and degree adverbs in Karitiana support this thesis.*

KEYWORDS: *Verbs. Adverbs. Cumulativity. Countability. Indigenous languages.*

Referências

BACH, E. The Algebra of Events. **Linguistics and Philosophy**, v. 9, p. 5-16, 1986.

BORER, H. **Structuring sense**. Part I: In name only. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CARLSON, G. **Reference to kinds in English**. 1977. 311f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, Amherst, MA, EUA, 1977.

CHIERCHIA, G. Plurality of mass nouns and the notion of “semantic parameter”. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). **Events and grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1998. p. 53-103.

DOETJES, J. Adverbs and quantification: degree versus frequency. **Lingua**, v. 117, p. 685-720, 2007.

FERREIRA, M. **Event Quantification and Plurality**. 2005. 138f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, EUA, 2005.

KRATZER, A. Stage-Level and Individual-Level-Predicates. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. (Ed.) **The Generic Book**. Chicago: University of Chicago Press, 1995. p. 125-175.

_____. On the Plurality of Verbs. In: DÖLLING, J.; HEYDE-ZYBATOW, T. (Ed.) **Event Structures in Linguistic Form and Interpretation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 269-300.

_____. **The Event Argument and the Semantics of Verbs**. 2003. Manuscrito disponível em: <<http://semanticsarchive.net>>. Acesso em: 10 maio 2008.

KRIFKA, M. Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In: SAG, I.; SAZBOLSCI. (Ed.) **Lexical Matter**. Chicago: CSLI, 1992. p. 29-53.

LASERSON, P. **Plurality, Conjunction and Events**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995.

LINK, G. The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-theoretical Approach. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; STECHOW, A. (Ed.) **Meaning, Use, and Interpretation of Language**. Berlin; New York: Springer, 1983. p. 302-323.

MATTHEWSON, L. On the Methodology of Semantic Fieldwork. **International Journal of American Linguistics**, v. 70, p. 369-415, 2004.

MÜLLER, A. The Expression of Genericity in Brazilian Portuguese. In: KUSUMOTO, K.; VILLALTA, E. (Ed.) **UMOP23: Issues in Semantics**. Amherst: GLSA Graduate Linguistics Student Association, 2000. p. 137-155.

MÜLLER, A.; SANCHEZ-MENDES, L. Pluractionality in Karitiana. In: GRØNN, A. (Ed.) **Proceedings of SuB12**. Oslo: Department of Literature, Area Studies and European Languages, University of Oslo, 2008. p. 442-454.

MÜLLER, A.; STORTO, L.; COUTINHO-SILVA, T. Número e a Distinção Contável-Massivo em Karitiana. **Revista da Abralin**, v. 5, p. 185-213, 2006.

PARSONS, T. **Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics**. Cambridge: MIT Press, 1990.

ROTHSTEIN, S. Telicity and Atomicity. In: ROTHSTEIN, S. (Ed) **Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 43-78.

_____. **Counting and the Mass Count Distinction**. 2007. Disponível em: <<http://faculty.biu.ac.il/~rothss/Counting%20and%20the%20Mass%20Count%20Distinction%20june%202007.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2009.

_____. **Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect**. Oxford: Blackwell, 2004.

_____. Fine-grained structure in the eventuality domain: the semantics of predicate adjective phrases and ‘be’. **Natural Language Semantics**, v. 7, p. 347-420, 1999.

SANCHEZ-MENDES, L. **A quantificação adverbial em Karitiana**. 2009. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112009-104847/>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

_____. Scalar Properties of Degree Modification in Scalar Properties of Degree Modification in Karitiana: Evidence for Indeterminate Scales. In: RENDSVIG, R. K.; KATENKO, S. (Ed.) **Proceedings of the ESSLLI 2012 Student Session**. Opole, Polônia: 2012.

_____. **A distinção télico-atélico e as classes acionais em Karitiana**. Trabalho apresentado no II Workshop de Línguas Indígenas da USP. 2013.

STORTO, L. Copular Constructions in Karitiana: a case against case movement. In: LIMA, S. (Ed.) **University of Massachusetts Occasional Papers 41: Proceedings of SULA 5: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas**. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts, 2010. p. 205-226.

STORTO, L.; VANDER VELDEN, F. F. Karitiana. In: **Povos Indígenas do Brasil**. 2005. Acesso em: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/karitiana/karitiana.shtm>>. Acesso em: 1 fev. 2009.

VENDLER, Z. Verbs and times. **The Philosophical Review**, v. 66.2, p. 143-160, 1957.

YU, A. Pluractionality in Chechen. **Natural Language Semantics**, v. 11, p. 289-321, 2003.